

O socialismo e o problema do negro (1913)*

W. E. B. DU BOIS

Aqueles que se interessam pelo socialismo podem ser divididos em dois campos distintos: por um lado, os pensadores previdentes que procuram determinar exatamente, a partir dos fatos da organização industrial moderna, os resultados futuros; por outro lado, os que sofrem com a situação industrial atual e que estão ansiosos para que o sofrimento que eles conhecem tão bem seja interrompido a qualquer custo, independentemente de qual seja o desfecho mais amplo.

É esta segunda classe de pensadores sociais que está particularmente interessada no problema do negro. Eles estão dizendo que a situação de 10 milhões de seres humanos nos Estados Unidos, predominantemente da classe trabalhadora, é tão terrível que ela requer muita atenção em qualquer programa de reforma social futura. Este artigo, entretanto, não é dirigido a esta classe, mas sim à classe de socialistas teóricos. Sua tese é: o socialismo teórico do século XX encontra um dilema crítico no problema do negro tal como se apresenta nos Estados Unidos.

Não há dúvida quanto à alternativa apresentada. Por um lado, aqui estão 90 milhões de brancos que, em seu extraordinário desenvolvimento, apresentam um campo peculiar para a aplicação dos princípios socialistas; mas, no geral, essas pessoas estão exigindo hoje que, por ser o negro a classe excluída (isto é, explorada) sob a organização capitalista, então qualquer programa socialista deve também excluir esses 10 milhões. Muitos socialistas concordaram com este programa. Nenhuma convenção recente de socialistas se atreveu a enfrentar de forma justa

* "Socialism and the Negro Problem", *The New Review: A Weekly Review of International Socialism*, 1/02/1913. Tradução de Sávio Cavalcante.

o problema do negro e fazer uma declaração direta de que consideram os negros como homens no mesmo sentido que as outras pessoas o são. O máximo que o partido pôde fazer foi não revogar a declaração de uma convenção anterior. A atitude geral dos membros pensantes do partido tem sido a seguinte: não devemos nos desviar dos grandes objetivos do socialismo para abordar esta questão do negro americano. Deixe a questão esperar; quando os objetivos do socialismo forem alcançados, este problema será resolvido junto com outros problemas.

Que há uma falha lógica aqui, ninguém pode negar. Seria possível considerar como “marginal” qualquer grupo de 10 milhões em um programa socialista? Os objetivos do socialismo podem ser alcançados enquanto o negro for negligenciado? Algum grande problema humano pode “esperar”? Se o socialismo vai resolver o problema americano do preconceito racial sem um ataque direto a essas posturas pelos socialistas, por que é necessário que os socialistas lutem nessa linha? Na verdade, há uma espécie de atitude fatalista por parte de certos socialistas transcendentais, que frequentemente supõem que toda a batalha do socialismo está ocorrendo por uma espécie de evolução na qual o esforço individual ativo de sua parte quase não é necessário.

Na verdade, os socialistas enfrentam a seguinte questão ao se confrontar com o problema do negro americano: pode uma minoria de qualquer grupo ou país ser deixada de fora do problema socialista? É claro que todos concordam que a maioria não pode ficar de fora. Os socialistas geralmente enfatizam o fato de que a classe trabalhadora constitui a maioria de todas as nações e, não obstante, é tratada injustamente na distribuição da riqueza. Suponhamos, entretanto, que essa distribuição injusta afetasse apenas uma minoria e que apenas um décimo da nação americana estivesse trabalhando em condições econômicas injustas: um programa socialista que consentisse com essa condição poderia ser implementado? Muitos socialistas estadunidenses parecem supor silenciosamente que isso seria possível. Para colocar a questão de forma concreta, no que diz respeito a essa massa, eles vão permanecer na indústria; vão se livrar do controle privado do capital e vão dividir a renda social entre esses 90 milhões de acordo com alguma regra da razão, e não da maneira atual, ao acaso. Mas, ao mesmo tempo, vão permitir a exploração contínua desses 10 milhões de trabalhadores. No que diz respeito a eles, não vai haver nenhum esforço ativo para garantir-lhes uma voz na social-democracia, ou uma parcela adequada da renda social. A ideia é que, no final das contas, quando os 90 milhões receberem a sua parte, eles irão voluntariamente compartilhá-la com os 10 milhões de servos.

A história do mundo justifica que esperemos tal resultado? Francamente, não acredito nisso. O programa é o da aristocracia industrial que o mundo sempre tentou; a única diferença é que esses socialistas estão tentando incluir em seu círculo restrito um número muito maior do que jamais foi incluído antes. Por mais socialista que seja este programa, não é uma verdadeira social-democracia. A essência da social-democracia é a de que não haverá classes excluídas ou exploradas

no estado socialista; não haverá homem ou mulher tão pobre, ignorante ou negro que não seja considerado. Isso é simplesmente um ideal distante ou um programa possível? Acredito que o teste de qualquer grande movimento em direção à reforma social é a classe excluída. Quem a reforma deixa de beneficiar? Se você está salvando bebês que estão morrendo, quais bebês você vai deixar morrer? Se você está alimentando os famintos, quem você vai deixar morrer de fome (com pesar, talvez, mas deixar morrer assim mesmo)? Se você está fazendo uma divisão justa da riqueza, que pessoas você permitirá que permaneçam na pobreza no presente? Se você está dando votos a todos os homens (não apenas no mundo “político”, mas também no mundo econômico), que classe de pessoas você vai permitir que permaneçam privadas de direitos?

Mais do que isso, supondo que você excluísse os negros temporariamente do Estado socialista em desenvolvimento e a elevação subsequente da humanidade acabasse reparando o dano temporário, a questão do presente é: você pode excluir o negro e avançar com o socialismo? Um décimo dos homens nos Estados Unidos é de reconhecida ascendência negra. Se você levar em conta aqueles em ocupações lucrativas, um em cada sete estadunidenses é de cor; e se você levar em conta trabalhadores e operários no uso comum do termo, um em cada cinco é de cor. O problema, então, é erguer quatro quintos de um grupo nas costas do outro quinto. Mesmo se o quinto submerso fosse um “burro de carga negro”, esse programa de oportunismo socialista não seria fácil. Mas quando o programa é proposto diante de um grupo que cresce em inteligência e poder social e um grupo que se torna desconfiado e amargo por ação análoga por parte dos sindicalistas, o que o socialismo antinegro está fazendo senão entregando aos seus inimigos a arma poderosa de 4,5 milhões de homens, que acharão não apenas do seu interesse, mas um dever sagrado, subestimar o mercado de trabalho, votar contra a legislação trabalhista e lutar para reprimir seus colegas trabalhadores? Não é significativo que os soldados negros no exército sejam mais saudáveis e menos desertores do que os brancos? E isso não é tudo: o que acontece com o socialismo quando se envolve em tal luta pela ruína humana? Para onde foram suas aspirações elevadas e sua grande determinação – suas canções e sua camaradagem?

O problema do negro, então, é o grande teste do socialista americano. O socialismo americano deveria se esforçar para treinar os 10 milhões de servos para seu Estado socialista, que servirão ou serão explorados por esse estado, ou deve se esforçar para incorporá-los imediatamente a esse corpo político? Teoricamente, é claro, todos os socialistas, com poucas exceções, iriam querer o último programa. Mas acontece que, nos Estados Unidos, existe uma opinião local forte no Sul que se opõe violentamente a qualquer programa, de qualquer tipo de reforma, que reconheça o negro como homem. Esta opinião é tão forte que há no Sul um desenvolvimento extraordinário dela. Todo o movimento radical representado por homens como Blease e Vardaman e Tillrnan e Jefferson Davis, atraindo demagogos como Hoke Smith, inclui em seu programa de reforma radical o ódio mais amargo e

reacionário ao negro. O socialista moderno médio mal consegue compreender a extensão desse ódio; até mesmo o assassinato e a tortura de seres humanos ocupam um lugar proeminente em sua filosofia; a violação das mulheres de cor é motivo de piada, e a justiça para os homens de cor não existe.

A única base por meio da qual alguém pode chegar a abordar essas pessoas com um apelo pela mais absoluta tolerância da gente negra é que o assassinato e os maus-tratos de negros podem possivelmente ferir os brancos. Consequentemente, o Partido Socialista se encontra neste dilema: se concordar com o ódio racial, terá uma chance de direcionar o tremendo poder do radicalismo branco do Sul para seu próprio partido; se não o fizer, torna-se um “partido do negro”, com seu crescimento para o Sul e para o Norte decididamente contido. Há sinais de que os líderes socialistas vão aceitar a chance de se apoderar do Sul radical, custe o que custar. Este artigo foi escrito para perguntar a tais líderes: depois que vocês conquistarem o Sul radical e pagarem o preço que ele exige, o resultado será o socialismo?